

GOMES, LUIZ FERNANDO. *HIPERTEXTO NO COTIDIANO ESCOLAR*. SÃO PAULO: CORTEZ, 2011. 116 P. (COLEÇÃO TRABALHANDO COM... NA ESCOLA)

Ana Elisa Ribeiro*

As relações entre educação e novas tecnologias de comunicação e informação (NTIC) vêm sendo discutidas de várias formas e em muitas obras publicadas também em português. Certa angústia parece dominar o cenário daqueles que se veem, todos os dias, diante de uma sala de aula em que os alunos tratam seus dispositivos digitais (celulares, iPods, futuros tablets...) como velhos amigos. Marc Prensky chamou uma geração inteira (e talvez suas sucessoras) de *nativos digitais*, aumentando a perplexidade daqueles que batizou de *imigrantes digitais*. Embora ainda não se tenha problematizado a contento essa “classificação”, tão geracional e determinista, é assim que a juventude vem sendo tratada: como experta em ambientes digitais, enquanto seus professores seriam (quase, talvez) ineptos em relação às NTIC.

Obras como a do professor Luiz Fernando Gomes, *Hipertexto no cotidiano escolar*, ajudam a diminuir uma fenda hipoteticamente (e de forma generalista) existente entre alunos e professores, no que se relaciona ao que vimos chamando de *letramento digital* (também há publicações sobre o assunto). O livro, lançado em 2011 pela editora Cortez, em uma coleção digna de atenção (Trabalhando com... na escola), tem o propósito claro de oferecer fundamentação ao trabalho do professor, ao mesmo tempo que lhe dá sugestões de como agir, como atuar em sala de aula, por meio de atividades.

Hipertexto no cotidiano escolar é o primeiro volume da coleção, o que só parece trazer bons augúrios a toda ela. Gomes nos oferece um livro objetivo e dinâmico, dividido em duas grandes partes, além da Apresentação (assinada por Anna Christina Bentes, coordenadora da coleção) e paratextos como um glossário, sugestões de leitura e referências bibliográficas utilizadas pelo autor (que servem de pegadas para o leitor curioso).

Na primeira parte do livro, Luiz Fernando Gomes aponta sua perspectiva sobre o hipertexto. O conceito (ou o objeto) já foi tratado por muitos autores, sob concepções diversas, sendo que Gomes assume uma delas: aquela segundo a qual hipertextos são, necessariamente, digitais. É fundamental que o professor tenha condições de escolher seus caminhos, o que a obra em foco propicia dando sugestões de leitura que não vêm todas na mesma direção. Feliz é o professor-pesquisador, curioso, que trabalha com autonomia.

Luiz Fernando Gomes conceitua o hipertexto da seguinte forma:

texto exclusivamente virtual que possui como elemento central a presença de links. Esses links, que podem ser palavras, imagens, ícones, etc., remetem o leitor a outros textos, permitindo percursos diferentes de leitura e de construção de sentidos a partir do que for acessado (...). (GOMES, 2011, p. 15)

* Doutora em Linguística Aplicada pela UFMG; pós-doutora em Comunicação pela PUC-Minas. Docente do PPG em Estudos de Linguagens e do bacharelado em Letras (Tecnologias da Edição) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. anadigital@gmail.com

Daí em diante, assumida uma concepção que traz ecos de Pierre Lévy, o autor tratará de oferecer ao leitor (em tese, um professor) um “breve histórico do hipertexto”, em que recapitula episódios como o do provável nascedouro da ideia de hipertexto (em Vannevar Bush, na década de 1940, nos Estados Unidos) e do provável batismo do objeto (em Ted Nelson, nos anos 1960, também nos Estados Unidos). Mais adiante, Gomes aborda o conceito de documento, o de link, a construção dos sentidos em textos linkados (fragmentados, portanto) e, então, apresenta uma extensa categorização dos tipos de links, segundo critérios como suas macrofunções semânticas e organizacionais, sua forma e visual, seu lugar de conexão, o percurso oferecido ao usuário, a localização no documento e o modo de troca de páginas.

Do percurso de leitura proposto no livro *Hipertexto no cotidiano escolar* já se pode presumir que o link será o ponto central da obra, da concepção de hipertexto e das propostas de atividades que se seguirão. A segunda parte do livro serve justamente para uma revisão do hipertexto, de seu pilar – o link – e a sugestão de atividades práticas com esse formato de texto na escola.

Cada atividade proposta por Gomes traz, cuidadosamente, sua fundamentação teórica, seu objetivo e a descrição de uma metodologia de aplicação. Tudo isso é apresentado em quadros que auxiliam muito a compreensão das propostas pelo professor, assim como a navegação (sim!) pelo livro (impresso). Também é apresentada uma avaliação do nível de dificuldade da atividade, para que o professor se guie pelas propostas, escolhendo o que pode ser mais pertinente para sua turma de alunos ou para si mesmo.

O hipertexto é entendido, aqui, como “ferramenta pedagógica” e pode ser construído a partir de textos preexistentes, isto é, textos podem ser transformados em hipertextos, em um processo de edição digital. A primeira

atividade proposta, por exemplo, é a construção de uma espécie de glossário baseado em uma letra de música de Zeca Baleiro (“Samba do Approach”). A tarefa mescla edição utilizando um editor de textos off-line e pesquisa no Google, fazendo-se links para a web. Há atividades com reportagens e com outros gêneros textuais, como recomendam nossas diretrizes vigentes para o ensino de língua materna. Nas propostas complementares, Gomes ainda dá pinceladas de mapas conceituais e de glossários construídos colaborativamente.

As “Palavras Finais” de Luiz Fernando Gomes são animadoras (especialmente para aqueles que ainda se sentem ou que caíram na armadilha dos *imigrantes* meio forasteiros, isto é, “naturalmente” estrangeiros, sem chance de se tornarem “nativos”. Quem sabe, no máximo, uma “dupla cidadania”. Dirigindo-se diretamente ao professor (e tratando-o por “prezado”), o autor espera que seu livro seja útil e que ajude a “desmistificar essa tecnologia atual da escrita”, isto é, o hipertexto. Gomes quer que sua obra enseje trabalhos proveitosos, temendo que “o futuro de nossos alunos já tenha sido ontem!” (GOMES, 2011, p. 98). E o autor de *Hipertexto no cotidiano escolar* alcança, com simpatia e seriedade, seus objetivos de formador.

O glossário da obra apresenta termos comuns na seara das novas tecnologias digitais, como “algoritmo”, “HTML”, passando por autores fundamentais nesses estudos e outros aspectos do tema. Nas referências, Gomes indica livros importantes na área, que podem ser facilmente encontrados pelo professor interessado em se atualizar.

Hipertexto no cotidiano escolar é um passo à frente em termos de aproximar as discussões acadêmicas sobre tecnologia do professor regente na escola. A discussão teórica serve, nesta obra, para calçar a prática. Não se propõem atividades guiadas pela intuição de um entusiasta (embora o professor Luiz Fernando Gomes também o seja, no melhor sentido da palavra), mas pelas

balizas de alguém que planeja um manejo consciente e oportuno das ferramentas digitais. Tomara que esta obra circule entre os docentes, em vários níveis de ensino, para que todos os links fiquem sempre ativos entre educação e tecnologias.

Enviado em 07 de fevereiro de 2012
Aprovado em 14 de fevereiro de 2012